

Centro e periferia

Abílio Guerra

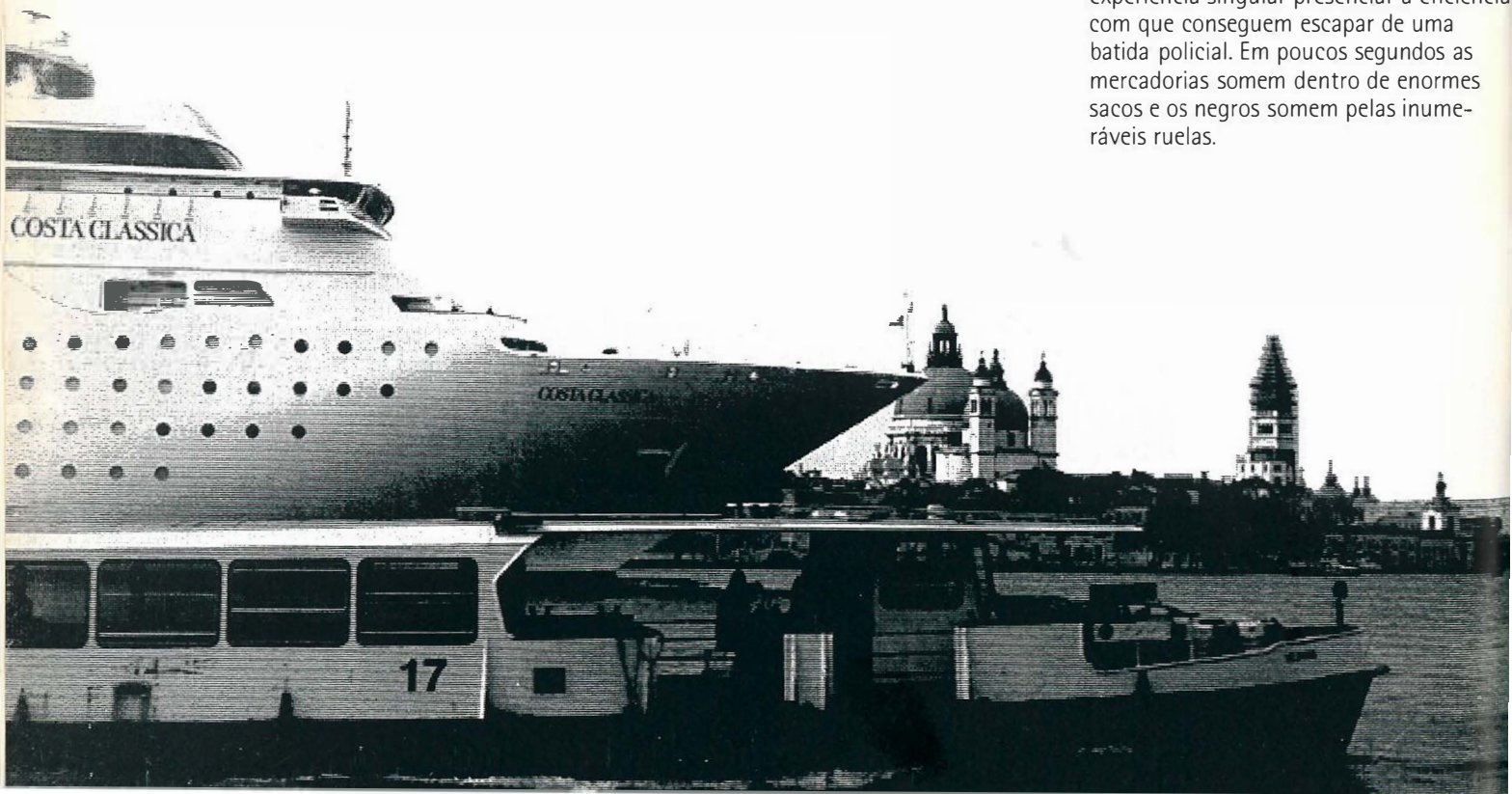
Chegar em Veneza de avião pode ser uma decepção. Lá de cima custa acreditar que aquela pequeníssima massa construída no meio da Laguna seja a encantadora cidade descrita por todos seus visitantes. O Palácio dos Doges e a Praça de São Marcos, com sua igreja e seu campanile, são formas características que, mesmo minúsculas, inviabilizam qualquer engano. Dependendo do humor do viajante, a chegada por terra, vindo do aeroporto distante, pode não melhorar muito a primeira impressão. Entra-se em Veneza pela porta do fundo, através de uma longa ponte rodo-ferroviária. Trens, ônibus e automóveis têm nas franjas da cidade seu ponto final. Dali para a frente só se aventuram barcos, gôndolas, vaporetos, lanchas...

Então o espetáculo se mostra à altura da expectativa. O vaporetto ao avançar pelo canal maior, que insinua-se pela cidade num longo corte em forma de "S", vai abrindo ao visitante visadas inesquecíveis. Espetáculo de formas e cores que se duplicam de maneira vibrante e incerta nas águas escuras do canal. Para qualquer lugar que se olhe, a retina vai aprisionar uma imagem inesquecível. Sair do barco e se enveredar pelas ruelas, pátios e pontes,

cruzando a todo momento canais minúsculos coalhados de pequenas embarcações, insufla à beira do sublime a percepção individual. Só com o passar dos dias, com uma crescente familiaridade que faz com que todos os visitantes se sintam um pouco dali, o deslumbre vai sendo substituído por uma tranquilidade indescrevível. A quente Veneza dos alemães sequiosos de amor pode ser um ameno porto de meditação para visitantes de recantos mais tórridos.

Quando chega-se a este estado de ânimo, pode-se finalmente conhecer a cidade, não mais aquela dos postais ou das fotos que levamos para amigos e familiares, mas a Veneza cotidiana, das águas fétidas, dos edifícios decrepitos que afundam suavemente, das torres que se inclinam devido a força da gravidade e a energia desgastante do tempo. E também a vida humana começa a se mostrar, a fazer sentido. Em meio as vagas incessantes de turistas de todo o mundo, formiga a vida cotidiana dos moradores. E além de nativos e visitantes, algumas figuras destoam pelo incômodo: negros africanos, vendedores de bolsas de *griffes* famosas, e mendigos brancos, refugiados da ex-Iugoslávia, que esmolam sentados em escadarias diversas.

Conhecendo-se outras cidades do norte da Itália, pode-se averiguar que não se trata de uma situação específica de Veneza. Esses personagens podem ser encontrados, em maior ou menor número, em Pádova, Vicenza, Udine, Verona... Mesmo mais ao sul, em direção a Roma, em cidades como Bolonha, Firenze, eles estão lá. O comportamento de ambos os grupos é muito típico. Os africanos andam em grupos grandes, de 6 a 10 pessoas, e montam um sistema complexo de vigilância para vender com certa segurança os produtos de origem suspeita. É uma experiência singular presenciar a eficiência com que conseguem escapar de uma batida policial. Em poucos segundos as mercadorias somem dentro de enormes sacos e os negros somem pelas inumeráveis ruelas.



O outro grupo se mostra uma realidade menos saborosa. Os bósnios andam solitários ou em pequenos grupos, quase sempre o pai ou a mãe com um ou dois filhos. Levam cartazes explicando o inexplicável. Pouco falam ou simplesmente calam. Olham para o chão ao mesmo tempo que estendem o pires com escassas moedas na direção dos turistas. Parecem ter uma profunda vergonha de sua situação. Na porta da Basílica de São Petrónio, em Bolonha, em certa tarde podia se ver uma mulher sentada na escadaria. Vestida em andrajos, tinha a cabeça recoberta por um pano enegrecido pela sujeira. Do rosto pouco podia se ver, mas pressentia-se uma grande resignação. Um dos braços aalentava um bebê. O outro, erguia-se na direção dos fiéis que entravam na enorme construção, que lembra por sua vastidão interna a magnífica catedral Santa Maria del Fiore. Um turista mais sensível poderia tomar aquela figura como a verdadeira Madona e poderia ser tentado a registrá-la em sua câmara automática. A vergonha, certamente, o impediria e só restaria a ele a lembrança da mais bela foto que jamais conseguira tirar.

Mais que um barco circula por Veneza

Renato Sobral Anelli

Já faz algum tempo que tenho visto aqueles transatlânticos ancorados no porto, próximo à Santa Marta. Parados ali, longe do centro histórico, parecem não incomodar com o seu desenho contemporâneo e seus enormes salões envidraçados. Apenas uma dúvida me ocorria frequentemente. Qual o caminho que eles percorrem para alcançar o mar, fora da Laguna, já que o porto é à noroeste da cidade e o mar à sudoeste. Além do canal do Lido, apenas outra entrada, bem ao sul, permitiria o acesso. Mas essa é uma daquelas dúvidas suaves, que acompanham o estrangeiro, sem ter força para tornar-se uma pergunta.

Incomodava mais a presença dos vaporetos e navetas, com seu desenho objetivo e direto, circulando velozmente pelo Bacino di San Marco e pelo Canal Grande. Não sei se era o vício contextualista dos anos 80, ou as fotos pintorescas que divulgam nos cartões postais, mas creio que esperava outra coisa circulando entre os Paládios do Canal della Giudecca. Talvez apenas velas e remos. Talvez inúmeros *Teatro del Mondo*.

Mas um dia levei um susto. Quando andava pela Riva degli Schiavoni olhei para trás e vi o gigantesco vulto se aproximando do Bacino de San Marco. Muito mais alto que qualquer igreja de Veneza, muito mais longo que a Piazza de San Marco ali ao lado. Perto daquele transatlântico os vaporetos tornavam-se rastejantes criaturas. E este é o seu caminho, entre o mar e o porto, passa sempre em frente ao centro histórico, desde quando não eram tão sofisticados como este que vi neste dia, e se assemelhavam à Ville Savoye.

É comum, nas cidades que visitei na região, que as partes mais conservadas do centro tenham o trânsito limitado à motos e pequenos utilitários. Por outro lado, nenhuma cidade além de Veneza escapou das "demolições corretivas" do começo do século. Demolições que pretendiam estabelecer um certo equilíbrio estilístico dos centros históricos, livrando-os de tudo aquilo que compromettesse sua harmonia. Uma harmonia idealizada, muito diferente daquela que existe em Veneza. Um tenso equilíbrio entre as construções realizadas ao longo de sua existência, muitas em avançado estado de deterioração enquanto outras restauradas cintilam em meio à pátina das velhas alvenarias.

A presença de equipamentos produzidos pela tecnologia contemporânea em meio à Veneza parece apenas estender esse arco de coexistências arquitetônicas. São presenças terrestres como os vistosos recipientes para lixo reciclado, ou presenças aquáticas como os barcos que circulam pelos canais. Não há possibilidade de um ambientismo, de uma harmonia artificial. Mas a presença do transatlântico naquela tarde levou ao máximo essa tensão. Por contraste revelou a ingenuidade, mas também ousadia do projeto do teatro flutuante de Rossi: tentar controlar com um arquétipo arquitetônico a forma de um objeto técnico naval, tentando criar uma nova possibilidade de coexistência na complexidade urbana de Veneza.